



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CARNAVAL E LIBERDADE: UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA LIBERDADE (1974).

Priscylla Laryssa da Silva Lima. UFCG/CAPES

Priscyllalaryssa@hotmail.com

Keila Queiroz e Silva. UFCG

keilaqueirozesilva@gmail.com

RESUMO: Com as inúmeras transformações que ocorreram no fazer história durante todo o século XX, o trabalho com a História Oral foi um dos campos que possibilitou ao historiador ampliar o campo de interpretação sobre o passado. Dessa maneira, a história dos sujeitos que não possuíam suas memórias “registradas” em documentos, ponderam se tornar agentes construtores nas narrativas do passado ajudando na compreensão do presente e construindo uma nova versão sobre alguns fatos histórico. Dessa forma, esse artigo tem como objetivo analisar sobre a história da formação da Escola de Samba Unidos da Liberdade, discutindo como a metodologia da História Oral ajuda o pesquisador a contar a história a partir das memórias dos sujeitos, neste caso os populares que não possuem as suas histórias sobre as práticas carnavalescas registradas na história “oficial” da cidade de Campina Grande. O seguinte trabalho propõe uma reflexão sobre qual o lugar do historiador quando se trabalha com esse tipo de fonte, como construir as narrativas históricas através de uma história vista de baixo. Para construção dessas análises alguns caminhos foram trilhados, primeiramente o uso dos depoimentos de alguns membros da escola de Samba Unidos da Liberdade e documento dos arquivos da própria escola, após a coleta desses dados, Luca (2005) auxiliou na compreensão que os depoimentos são versões de uma história e como as demais fontes elas necessitam ser analisadas. Como é um trabalho que aborda sobre Carnaval, e também sobre agenciamento dos populares Certeau (2012) dá o suporte para compreender as inúmeras formas que o homem inventa o cotidiano, e também como esse trabalho perpassa pelo campo da história local, Portella (2013) e Souza (2015) auxilia para o entendimento de como o campinense participava do carnaval durante o período estudado e como é local de origem da escola de Samba Unidos





da Liberdade. As análises desses depoimentos trouxeram à tona como a história Oral é uma metodologia que traz inúmeras possibilidades para o fazer história, e para a construção das narrativas históricas no âmbito local.

INTRODUÇÃO

Os usos das fontes orais não é algo novo: ouvir atores e testemunhas de acontecimentos já era uma estratégia utilizada por Heródoto, Tucídides e Políbio, na Antiguidade, como forma de melhor compreender os eventos de sua época. Todavia, o aumento da utilização dessa fonte bem como o seu reconhecimento só se mostrou possível após a transformação do pensamento de que haveria apenas uma verdade e uma única História, para a noção de reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades, levando à desmistificação do pensamento positivista predominante no século XIX que exaltava o legítimo documento escrito como a única forma de registro histórico. Como posteriormente circulou, agora qualquer registro histórico seja ele oral, escrito, pictórico é considerado uma fonte histórica, não havendo diferenciação em ser “mais aceito” ou “menos aceito”, sem hierarquização das fontes, todas elas são válidas para contribuir à análise e ao estudo da história.

Dessa maneira, a metodologia da história Oral que surgiu em meados do século XX, serviu para abrir um vasto campo de possibilidades para a história principalmente no campo da História contemporânea. Na década de 1960 essa metodologia segundo, ALBERTI (2005) tem o seu “boom” e surge como uma história militante em oposição à todos os outros modelos de fazer história, com a ideia de uma solução para “dar voz” as minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo”. No Brasil essa metodologia chega na metade da década 1970 e começa a conquistar espaço durante os anos seguintes. Porém, essa história Oral com o caráter militante apresentava alguns problemas, e o principal deles era que os depoimentos coletados, já eram a própria história. É isso gerava algumas desconfianças por parte dos historiadores, assim a metodologia de história chega a década de 1980 e a disciplina histórica se modifica, aquela metodologia que antes era vista com uma certa desconfiança pela sua não crítica a fonte, também sofre processo de modificação.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Com as modificações que ocorreram na disciplina histórica o documento escrito, deixou se apenas a principal fonte confiável e aceita. Surgiram um leque de possibilidades que vai dá fotografia e aos relatos orais de memória, essas transformações possibilitaram que o historiador tivesse com auxílio várias fontes na construção do que a historiografia chama de história do tempo presente. Para a construção desse texto a história Oral é a principal ferramenta que auxilia a entender sobre a história local e também dos grupos populares que fazem parte do Carnaval da cidade de Campina Grande. Através da análise dos relatos orais de Memória.

A história dos festejos Carnavalescos da cidade de Campina Grande, é um campo novo de estudo, algumas pesquisas surgiram principalmente na década de 1990, porém são necessárias várias produções para narrar as histórias sobre esses períodos festivos na cidade. Esse artigo propõe uma reflexão sobre qual o lugar do historiador quando trabalha com a história Oral, com a construção da identidade dos sujeitos que participam do carnaval do campinense.

As entrevistas feitas para esse trabalho são de caráter temático, em que um tema prévio foi escolhido, neste caso o Carnaval e os depoentes teceram suas narrativas sobre a fundação da Escola de Samba Unidos da Liberdade e suas sociabilidades com o bairro da Liberdade⁹⁹, algumas vezes os entrevistados misturaram suas memórias individuais com as memórias coletivas criando um panorama da sua história de vida junto com o Carnaval.

Como pesquisadora e moradora do bairro da Liberdade a história Oral permite ao pesquisador um maior envolvimento com a fonte, e fazendo a reflexão sobre qual o lugar do historiador ao trabalha com esses tipos de fonte. Como, não cair em interpretações generalizantes sobre os festejos.

⁹⁹ Os Festejos carnavalescos da cidade de Campina no início do século XX era realizado por algumas famílias no centro da cidade, principalmente na rua Maciel Pinheiro, com o crescimento econômico, a cidade aumenta o seu crescimento populacional principalmente a partir dá década de 1930 com o apogeu da produção de algodão. Os novos sujeitos que chegam a cidade contribuem para as modificações dos festejos, a elite que antes “dominava” todo o espaço do centro da cidade, passa a se enclausurar nos clubes sociais e os populares passam a frequentar o centro com seus blocos, escolas de samba e outras agremiações. Para informações sobre a história do Carnaval Campinense. SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **No passo do urubu malandro: Uma História social do Carnaval Campinense. Pará de Minas: VirtualBooks, 2015.**





DESENVOLVIMENTO

O Carnaval da cidade de Campina Grande passou por muitas modificações¹⁰⁰, chegando à metade da década de 1970 com o apogeu das escolas de Samba que até o final dos anos de 1980 vão sacudir os festejos Carnavalescos da Cidade. A escola de Samba Unidos é uma das agremiações que faz parte desse momento em que as escolas são destaques nos desfiles carnavalescos da cidade.

A Unidos da Liberdade tem como data de fundação 11 de outubro de 1974, no calendário da cidade uma data importante, porque foi o dia do aniversário de 110 anos de Campina Grande. A escola foi fundada nesse dia possivelmente porque as pessoas, possuíam tempo livre para pensar nesse divertimento e por ser feriado poderiam estar em um momento de lazer, com atenção para esse momento.

A Unidos da Liberdade foi fundada com a adesão de alguns componentes que tinham a [Gremista do Samba]. Naquela época era no Açude Novo e daí nós brigamos com o presidente da gremista e nós fomos para a Liberdade, na Liberdade nós fundamos a Escola de Samba Unidos da Liberdade.¹⁰¹

Diferente dos outros membros da escola, o senhor José Neto possui uma organização cronológica dos fatos bem melhor, talvez por ter sido e ser alguém que é bastante ativo com os festejos Carnavalescos e até o ano de dois e dezoito participava da escola de samba, mas também porque era alguém que possuía a sua memória individual atrelada com muita força a memória coletiva. O que é possível perceber é que algumas pessoas do bairro já participavam de outra escola de samba existente no bairro São José, e por brigas com o presidente da Gremista do Samba foram para o bairro da Liberdade e lá fundaram a escola de samba objeto deste estudo. O depoente não deixa claro quais foram os motivos que fizeram com que ele deixasse de participar daquela agremiação. Possivelmente, por queixas do Carnaval passado, divergências de opiniões sobre o samba-

¹⁰⁰ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedida a autora em setembro de 2014.

¹⁰¹ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto concedido à autora em setembro de 2014. Aqui o nome das pessoas que ele cita são apelidos, ficou uma lacuna para saber qual o verdadeiro nome porque muitas pessoas que ele cita, como Carlota já morreram.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

enredo, tema, ou até mesmo por motivos pessoais com o presidente da Gremista do Samba.

A escola de Samba da Liberdade tem como fundadores, Nilson Anchieta Gomes, Maria de Lurdes que ainda hoje é madrinha da escola, eu (José Alexandre Neto), José da Guia que era conhecido por “Burrego”, Carlos Alberto, conhecido como “Macarrão”, teve “fumaça”, teve “Gonzaga”, “Teinha” e esses foram os fundadores, sim: “Carlota” e “Peteca”.¹⁰²

No começo formaram a escolinha. Que escolinha que foi para ali para SAB, para o clube de mães. Ai só deu tempo passar um ano e ele não quiseram mais aí ficou aqui dentro de casa. Foi no ano de perái (sic), 73 . ”¹⁰³

Esses nomes que o senhor José Alexandre cita são de pessoas do bairro, que moravam nos arredores de onde a escola foi fundada e participaram anualmente dos festejos carnavalescos da cidade. Algumas das pessoas que o depoente cita já faleceram, mas assim como o seu nome é lembrado por Zé Neto, são lembrados também pelo bairro da Liberdade, por causa do sucesso que faziam quando chegava o Carnaval.

A escola foi fundada em um período em que o país estava sob um regime militar, e a vida das pessoas era controlada. Porém, os padrões da sociedade eram mais fortes que nos dias atuais. Estamos falando dos anos de 1970. O pensamento era muito conservador e a sociedade hierarquizada, na qual as mulheres possuíam pouca vez e pouca voz. E diferente dessa sociedade que olhava para as pessoas que não se encaixava nesses padrões, os componentes da escola de samba acolhiam todos. Ela era composta de homossexuais, mulheres que possuíam uma vida sexual libertária para a época e mães solteiras. Havia aí uma dicotomia, porque muitas pessoas achavam lindo o que essas pessoas apresentavam durante o período carnavalesco, mas no dia a dia condenavam as suas atitudes.

¹⁰² LURDES, Maria. Uma das fundadoras da Escola. Durante o período da entrevista ela estava um pouco chateada com os últimos acontecimentos da escola de Samba, porém, ela consegue lembrar onde a escola funcionou no primeiro ano, por isso que ela fala da SAB e do Clube de mães, ficam na mesma rua que sua casa e a SAB e o clube de mães são vizinhos. Depois que saem desse local a sede da Escola fica na sua até quando para de desfilar na década de 1990.

¹⁰³ Francinete Alves da Silva: mais conhecida como Francis, foi uma das fundadoras da Escola de Samba. Ela informou que em 2016 está com 59 anos, fazendo os cálculos na época da fundação ela possuía 17 anos. Era comum a participação de crianças nas escolas de samba desde que tivessem autorização dos pais e do juizado de menores.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Ao entrevistar Francis, ela também cita que as pessoas que fundaram a Unidos da Liberdade vieram do Grêmio. A mesma história que José Neto relata e Maria de Lurdes. Ao ser entrevistada, seus olhos brilhavam de emoção lembrando daquele passado das relações que foram criadas. A escola era apenas um ponto que ligava a comunidade. Existiam ali outras relações, de uma comunidade supostamente feliz onde todos se ajudavam e se envolviam para ver a Escola de Samba ganhar o Carnaval campinense.

A gente veio do Grêmio que era no (bairro) São José, foi onde eu desfilei uma vez e acabou o Grêmio e nós viemos para a Liberdade. Aí juntamos a turma que tinha no Grêmio e abriu a Unidos da Liberdade. Eu era criança na época e foi onde eu comecei a sair”¹⁰⁴

Aqui, percebemos que ela não fala de um desentendimento entre os componentes da Escola, mas sim que a escola parou de desfilar. Analisando dois jornais da época, o diário da Borborema e Jornal na Paraíba realmente não se fala mais da escola Grêmio, possivelmente ela chegou ao seu fim por causa de brigas ou até problemas financeiros, o que era muito comum nas agremiações da época. Após o seu surgimento a Unidos da Liberdade teve muitas dificuldades para sair na avenida. Por isso, era necessário envolver mais pessoas na agremiação uma vez que todos se ajudando conseguiram vencer e colocar a escola na avenida.

(...) Tinha gente que nunca tinha participado de nada na Liberdade e então nós começamos a envolver na escola a partir do segundo ano, que foi o caso de Raimunda, conhecida hoje como “Mundinha”, de Marcelo de Sousa Lima, que também, não era, não participava da Escola, e alguém que agora me falha a memória que era presidente da SAB, sim Emanuel Paulista, que deu a maior força também para que essa escola fosse crescendo e crescendo. Esse foi o maior prêmio que nós conseguimos até agora.¹⁰⁵

Ele reconhece que muitas pessoas contribuíram para o sucesso da escola de Samba. Lembra de cada nome e como a participação dessas pessoas foi importante e mostra que para ele esse foi o maior prêmio. Não adiantava se eles tivessem vindo de outra escola e não envolvessem o bairro. Além disso eles envolviam as suas famílias. O senhor Marcelo é irmão de José Neto. Então era como um sonho que todos possuíam o desejo de realizar e por isso se uniam.

¹⁰⁴ Trecho da entrevista do senhor José Alexandre Neto. Concedida à autora em setembro de 2014.

¹⁰⁵ Trecho da entrevista do senhor José Alexandre Neto. Concedida à autora em setembro de 2014.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

As dificuldades para colocar a escola de Samba para desfilar sempre foram muitas. Havia problemas principalmente por causa das verbas que eram distribuídas pela Prefeitura Municipal, muitas vezes tardiamente, na semana que antecedia os festejos carnavalescos. Então esses membros da escola tentavam arrumar dinheiro com festas na SAB, pedindo a alguns empresários da cidade, ou reciclando (como mostra no trecho seguinte), visto que para fazer a primeira bateria da escola eles reciclaram lixo que acharam no centro da cidade durante o período da noite.

O primeiro ano da escola da Liberdade é um troço engraçado nós não tinha (sic) instrumento de qualidade nenhuma, para dizer que nós não tinha (sic) instrumento, nós tinha(sic) vindo com dois ou três surdos, Tarôs, Tamborim para que a gente pudesse fazer a bateria. Começamos a sair toda noite na rua de Campina, principalmente nas ruas João Pessoa, na Maciel Pinheiro, na João Suassuna, pegamos Tambores de Carbureto, os caras colocavam lixo, e foi com esses tambores que a gente fizemos (sic) a bateria da escola de Samba Unidos da Liberdade, onde a gente passava a noite no lugar de tá recolhendo lixo, a gente tava (sic) colocando lixo na calçada e trazendo os tambores. Foi aí que a Unidos da Liberdade surgiu com bateria que o primeiro ano foi esse sacrifício. Já a partir do segundo ano, a gente já teve um desenvolvimento maior.¹⁰⁶

As pessoas da fundação desejavam muito colocar a escola de samba para desfilar, era um sonho individual mais também ideias coletivas, por isso saíam à noite pelas principais ruas do centro da cidade e recolhiam o que era possível reciclar para fazer a bateria da escola. Nas entrelinhas é possível perceber que era durante a noite porque aquelas pessoas durante o dia possuíam outras atividades, como o trabalho. E se reuniam para realizar o seu sonho, no período noturno. Ao retornar, deixavam esse material em algum lugar, nesse primeiro ano da sede da escola que era na SAB e no clube de mães, e se reuniam para confeccionar a bateria. Nesse momento várias sociabilidades eram construídas, desde as amizades que se firmaram e permanecem até o dia de hoje, como também os namoros entre os membros da escola: os amores e desamores que a Liberdade proporcionava.

As mídias da época não noticiavam essas dificuldades que as escolas de samba passavam, visto que eram anunciadas apenas em fevereiro ou março, no período do Carnaval. A verba era pouca, muitas vezes a escola saía com a sua bateria e seus membros

¹⁰⁶ Trecho da entrevista de Francinete Alves, concedida à autora em 17 de fevereiro de 2016. Bairro da Liberdade





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

de outras alas pelas ruas do bairro pedindo contribuição dos moradores para que a escola pudesse sair no Carnaval de rua. Os depoentes narram que era emocionante esse envolvimento do bairro, é uma questão de pertencimento de valorização daquele lugar e do que ele pode oferecer.

Hoje em dia é tudo diferente. De mulher era só eu que pedia para financiar minha fantasia e os batuqueiros saiam comigo. O resto esperava dinheiro da Federação. Esse dinheiro não demorava, mas eu queria ser diferente, queria ajudar a escola. Comprar mais coisas, sair bonita, entendeu? A gente bebia, para a bebida, para a comida para a gente. As farrinhas da gente.¹⁰⁷

Ao falar desse momento em que ela saía pelas ruas do bairro para ajudar a escola de samba, Francis se emociona muito, seus olhos brilhavam, foram tomados por lágrimas de saudade de uma época que não volta mais. Ela fala nos dias atuais porque a escola voltou a desfilar depois de muito anos parada e as coisas não são mais como nos anos passados, falta união e organização. Falta essas sociabilidades que iam além dos dias de Carnaval, como ela narra em cima, eram grupos de amigos que bebiam juntos, saíam juntos e planejavam um sonho de escola de samba.

No primeiro ano da escola saiu apenas a bateria e no segundo ano ela já coloca alas com samba e enredo na rua. Nos primeiros anos as escolas de samba da cidade cantavam sambas das escolas do Rio de Janeiro e São Paulo, para só depois começar a produzir seus próprios sambas junto com artistas locais ou até por membros da escola.

Foi difícil e foi fácil porque foi até pelas circunstâncias, mas a gente ia e corria atrás. A gente se juntava, corria atrás. Eu Zé Neto, Teinha . Um incentivava o outro, mesmo assim eu sempre fui danada demais. Eu nega Neta, bora vamos atrás! A gente ia hoje em dia não existe isso. Hoje as pessoas chegam na hora do desfile, no mês de desfilar. Isso é muito errado, antigamente a gente tava sempre junto e não tinha esse negócio, era sempre junto, todo mundo junto, todo mundo reunido (...)¹⁰⁸

Ela coloca que foi difícil e ao mesmo tempo fácil porque todos se ajudavam: difícil porque as dificuldades financeiras no momento eram enormes, e fácil porque todos se

¹⁰⁷ Trecho da entrevista de Francinete Alves, concedida à autora em 17 de fevereiro de 2016. Bairro da Liberdade

¹⁰⁸ Trecho da entrevista de Francinete Alves, concedida à autora em 17 de fevereiro de 2016. Bairro da Liberdade





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ajudavam, as mais determinadas iam atrás de seu objetivo. Ela critica as práticas de hoje porque não há mais as sociabilidades de antes, o Carnaval termina e cada um vai para o seu lado agora. Antes não, quando o carnaval terminava eles já estavam juntos planejando os festejos do ano seguinte e vendo como poderiam arrecadar dinheiro para colocar a escola na avenida.

(...) Falando sobre a Escola ia para o barracão do Roberto. Roberto tinha acabado a escola, tinha acabado a escola, mas não tinha deixado de dá assistência a gente, mas ia para lá [comer gíria com cachaça e falar e programar a escola, entendeu?] Conversar sobre a escola. Hoje em dia você não ver isso. Quando vê é faltando um mês para desfilar. Desfila todo mundo de qualquer jeito. Ninguém tem tempo de se arrumar para fazer uma roupa legal.¹⁰⁹

Aqui percebemos que mesmo com o fim da Escola Grêmio, as relações com seus membros continuavam. A escola acabou, mas a amizade não. Eles iam para lá discutir sobre a escola, e também beber. É claro que nesse momento se de todos os assuntos, inclusive os mais cotidianos, porém, não há como negar que a escola estava sempre na pauta do assunto. Mais uma vez ela critica como o carnaval e as pessoas que o organizam agora, o sentimento de nostalgia toma conta dessas pessoas. São saudades de práticas e sentimentos que não voltam mais e ficam apenas na memória, que faz o papel de selecionar o marcante.

CONCLUSÃO

Após analisar a história de fundação da escola de Samba Unidos da Liberdade, é perceptível que esses sujeitos, que são moradores do bairro da Liberdade, mesmo em meio as inúmeras dificuldades os participantes da agremiação colocavam a escola para desfilar no carnaval campinense. Para CERTEAU (1998) os homens ordinários são produtores de bens culturais e essa produção é que faz com que os populares preservem a sua “cultura” e os membros dessa agremiação produzem os seus bens culturais através do Carnaval, resistindo há inúmeras tentativas de invisibilidade dos festejos na cidade.

Estamos no ano de dois mil e dezenove e a escola de Samba continua desfilando no carnaval campinense, porém com inúmeros problemas financeiros de invisibilidade por parte dos poderes públicos da cidade. Há um total silenciamento por parte da mídia da

¹⁰⁹ Graduando em História pela UFCG.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

cidade. A história desses sujeitos não aparece em jornais impressos ou falados, é através da oralidade dos participantes e moradores do bairro da Liberdade que a memória carnavalesca dos grupos populares é preservada. E a história Oral como uma metodologia auxilia para a construção das narrativas desses grupos e através das análises das fontes compreender, porque os poderes públicos da cidade tentam todos os anos inviabilizar os festejos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155 – 202
- _____. Manual de história Oral.3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- CERTEAU, Michel de, 1925-1986. A invenção do cotidiano: 2. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre;. Morar, cozinhar.; 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LUCA, Tania Regina de. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.
- MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- PORTELA, Daniella Karla. Quando o apito tocava no bairro da Liberdade: Memórias e representações na SANBRA. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande.
- SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. No passo do urubu malandro: Uma História social do Carnaval Campinense. Pará de Minas: VirtualBooks, 2015

